



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

A PANDEMIA DA COVID-19 SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS

LA PANDEMIA DE COVID-19 VISTA POR LOS NIÑOS Y NIÑAS

THE COVID-19 PANDEMIC AS SEEN BY CHILDREN

Ana Maura Tavares dos Anjos
Universidade Estadual do Ceará – UECE
maura.tavares@uece.br

Maria da Conceição Passeggi
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
mariapasseggi@gmail.com

Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz
Universidade Cidade de São Paulo - UNICID
carminhameirelles@gmail.com

Ecleide Cunico Furlanetto
Universidade Cidade de São Paulo - UNICID
ecleide@terra.com.br

Resumo: Apresentamos um recorte de pesquisas realizadas com crianças, entre 10 e 11 anos de idade, sobre o modo como percebem as experiências por elas vividas nas condições de vida escolar e social, impostas pela pandemia da Covid-19. O cenário é uma escola municipal de Sobral-CE, escolhida pelos avanços obtidos nos índices de letramento nos últimos anos. As fontes empíricas, narrativas orais de 24 crianças participantes da pesquisa, foram recolhidas, em 2022, em rodas de conversa, gravadas e transcritas. Nosso objetivo é discutir resultados concernentes ao modo de as crianças verem as medidas sanitárias e seus impactos sobre suas aprendizagens. Iniciamos por uma breve discussão sobre a pesquisa com crianças, para em seguida analisar, à luz dos pressupostos epistemológicos, éticos, metodológicos e políticos da pesquisa (auto)biográfica, o que as crianças tematizam em suas narrativas. Para além dos impactos e desequilíbrios, provocados pela pandemia sobre os conteúdos escolares, as crianças analisam suas consequências sobre aspectos biopsicossociais, sinalizando sua capacidade reflexiva, nem sempre levada em conta. Se a falta de acesso à internet de qualidade impossibilitava a aquisição de conteúdos escolares, exigidos para essa etapa da escolaridade, as mais diversas ausências,



perdas e distanciamentos agravaram situações de vulnerabilidade social por elas ressentidas. Concluimos pela legitimidade da palavra da criança, tanto para a pesquisa educacional quanto para propostas e implementação de políticas públicas, voltadas para a infância.

Palavras-chave: Aprendizagens. Covid-19. Narrativas de crianças.

Resumen: Presentamos una selección de investigaciones realizadas con niños de 10 a 11 años sobre cómo perciben sus experiencias en la escuela y en la vida social, impuestas por la pandemia del Covid-19. El escenario es una escuela municipal de Sobral-CE, elegida por el avance de los índices de alfabetización en los últimos años. Las fuentes empíricas, narraciones orales de 24 niños participantes en la investigación, fueron recogidas en 2022 en círculos de conversación, grabadas y transcritas. Nuestro objetivo es discutir los resultados relativos a su visión de las medidas sanitarias y su impacto en su aprendizaje. Comenzamos con una breve discusión sobre la investigación con niños y luego analizamos, a la luz de los supuestos epistemológicos, éticos, metodológicos y políticos de la investigación (auto)biográfica, de qué hablan los niños en sus narrativas. Además de los impactos y desequilibrios causados por la pandemia en los contenidos escolares, los niños analizan sus consecuencias en aspectos biopsicosociales, señalando su capacidad reflexiva, que no siempre es tomada en cuenta. Si la imposibilidad de acceder a internet de calidad imposibilitó la adquisición de los contenidos escolares necesarios para esta etapa de escolarización, las diversas ausencias, pérdidas y distanciamentos agravaron situaciones de vulnerabilidad social que resintieron. Concluimos que la palabra del niño es legítima, tanto para la investigación educativa como para proponer y aplicar políticas públicas dirigidas a la infancia.

Palabras clave: Aprendizaje. Impactos de la pandemia de Covid-19. Relatos de los niños.

Abstract: We present an excerpt from research carried out with children between the ages of 10 and 11 on how they perceive their experiences in school and social life, imposed by the Covid-19 pandemic. The setting is a municipal school in Sobral-CE, chosen because of the progress made in literacy rates in recent years. The empirical sources, oral narratives of 24 children participating in the research, were collected in 2022 in conversation circles, recorded and transcribed. Our aim is to discuss the results concerning their view of health measures and their impact on their learning. We begin with a brief discussion of research with children, and then analyze, in the light of the epistemological, ethical, methodological and political assumptions of (auto)biographical research, what the children discuss in their narratives. In addition to the impacts and imbalances caused by the pandemic on school content, the children analyze its consequences on biopsychosocial aspects, signaling their reflexive capacity, which is not always taken into account. If the impossibility of accessing quality internet made it impossible to acquire the school content required for this stage of schooling, the most diverse absences, losses and distancing aggravated situations of social vulnerability that they resented. We conclude that the word of the child is legitimate, both for educational research and for proposals and implementation of public policies aimed at children.

Keywords: Children's narratives, learnings, Covid-19 pandemic.



Introdução: A criança como sujeito de direitos

*Direitos da criança
[...]*

*Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar.
Tem direito à atenção
Direito de não ter medos...
Direito a livros e a pão...
Direito de ter brinquedos...
Embora eu não seja rei,
Decreto, neste país,
Que toda, toda criança
Tem direito a ser feliz!!!*

Ruth Rocha¹

O cenário de isolamento social, a grande quantidade de pessoas em atendimento hospitalar e a comoção pública diante do crescente número de óbitos, provocado por medidas sanitárias face à alta proporção de contágio pela covid-19, marcaram o período de 2020 a 2022, no Brasil. Esse cenário, apenas visto em filmes de ficção científica, conduziu os órgãos governamentais a determinarem, como medida preventiva, o fechamento de escolas, comércio, indústrias, cinemas e demais espaços em que as pessoas se aglomeram, o que provocou mudanças inéditas nas formas de se conviver em sociedade. A pandemia ampliou as desigualdades escolares, de acesso à conectividade, aos dispositivos digitais e ao domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação, bem como afetou a renda das famílias e seu convívio (Unesco, 2020; Macedo, 2021). As escolas, que nos interessam particularmente aqui, permaneceram fechadas durante dois anos, tempo superior ao de muitos outros países que, contrariamente ao Brasil, foram mais diligentes no uso de vacinas. Para Gomes et al. (2023), foi na área de educação que a política que se manteve por mais tempo suspensa, e os estados do Ceará e Piauí se destacam com medidas restritivas e o cuidado com a saúde de seus cidadãos.

Trata-se, portanto, de uma situação recente, cujas repercussões ainda estão longe de serem completamente analisadas. O objetivo deste artigo é apresentar um recorte de pesquisas interinstitucionais, em andamento², que

¹ ROCHA, Ruth. Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra, 2014.

² Artigo resultante de pesquisas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), “Implementação de políticas educacionais e desigualdades frente a contextos de pandemia pelo Covid-19”, processo 2021/08719-0, coordenado pela quarta autora, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenados pela segunda autora: “Reflexividade narrativa e agência em situação de múltiplas vulnerabilidades” (processo n. 307203/2023-9); “Narrativas, educação, saúde: epistemologia e métodos da pesquisa (auto)biográfica com crianças” (processo n. 307063/2019-4).



visam produzir evidências científicas sobre os desafios educacionais provocados pela pandemia de covid-19, suscetíveis de orientar estratégias de implementação de políticas públicas, que contribuam para minimizar prejuízos de diferentes ordens e para o enfrentamento de crises similares. O objeto de reflexão aqui proposto apoia-se em pesquisas realizadas com crianças, entre 10 e 12 anos de idade, sobre as experiências vividas ao longo das mudanças na organização escolar e social, que lhes foram impostas pela pandemia. O interesse é compreender o modo como elas percebem e analisam suas vivências ao longo do ciclo pandêmico.

Ao focalizar a escuta de crianças, a questão deste estudo é a seguinte: Qual a percepção das crianças sobre as consequências biopsicossociais resultantes das condições de vida impostas pela pandemia e seus impactos sobre as aprendizagens dos conteúdos escolares? Nosso propósito é adentrar o universo da infância pelo olhar das crianças, respeitando o seu direito de serem ouvidas sobre assuntos que lhes dizem respeito (ONU, 1989). No caso, o direito à educação, à saúde e ao bem-estar, como se lê no poema de Ruth Rocha, que abre este texto: “Toda criança tem direito a livro e a pão”. “Não é questão de querer. Nem questão de concordar”. É o “direito de ser respeitada”. De ser escutada sobre temáticas que lhes causam problemas, dúvidas, inseguranças.

Ao longo dos últimos anos, tomamos como objeto de estudo a compreensão de crianças como sujeito de direitos, no âmbito de projetos desenvolvidos por uma rede multidisciplinar e internacional de pesquisa, com o objetivo de aprofundar estudos sobre a legitimidade e visibilidade de sua palavra na defesa do que lhes é garantido por lei (Constituição Federal, 1988). A questão inicial de nossas pesquisas, As narrativas das experiências vividas e contadas pelas crianças interessam à investigação educacional, à formação de professores e às políticas públicas para a infância?, respondida afirmativamente, tornou-se desde então a tese que passamos a defender. Nossas pesquisas se realizam, portanto, na interface entre direito à educação e direito à saúde, entre direito à proteção social e direito ao bem-estar, o que justifica a importância da palavra das crianças e do que elas têm a dizer sobre fenômenos sociais e pessoais que as preocupam e que julgamos ser de grande interesse para o avanço das pesquisas e das políticas educacionais.

É inegável que a pandemia do coronavírus surpreendeu o mundo. Nos dois anos que se sucederam, 2020 e 2021, as escolas e as equipes da gestão escolar e os demais profissionais da educação, no Brasil, estavam longe de dispor de medidas adequadas para enfrentar os desafios dos processos de ensino e de aprendizagem. Na urgência, as tecnologias digitais se apresentaram como medida paliativa para a retomada das atividades escolares durante a



paralisação. O ensino remoto síncrono aos poucos se alargou como prática usual nas instituições de ensino fundamental, médio, superior e pós-graduado.

A comunicação on-line permitiu a instalação do home office, o que contribuiu, igualmente, para o acompanhamento das tarefas escolares pelos familiares responsáveis pelas crianças. A situação social e econômica de muitas crianças matriculadas em escolas da rede pública, no Brasil, não lhes permitiu, no entanto, o acesso ao ensino remoto síncrono, seja pela ausência de equipamentos, seja pela ausência de internet de qualidade. Nesse sentido, a situação pandêmica agudizou a vulnerabilidade social de crianças da escola pública, repercutindo, como era previsto, na vulnerabilidade cognitiva quanto às aprendizagens escolares.

Nessa conjuntura de desigualdade social, e de vulnerabilidades múltiplas, nos interrogamos sobre a percepção das crianças da escola pública acerca de suas experiências durante a pandemia e sobre seus efeitos quanto às aprendizagens dos conteúdos escolares e para além delas. O foco das análises recai sobre três aspectos: a) fatores (des)mobilizadores das aprendizagens de conteúdos escolares; b) repercussões sobre as relações da criança com a escola (docentes, pares) e com seus familiares; e c) impactos sobre seu bem-estar.

Após uma breve apresentação do contexto e do lócus da pesquisa, o artigo se inicia por uma breve discussão dos pressupostos epistemológicos, éticos, metodológicos e políticos da pesquisa (auto)biográfica com crianças. É nessa vertente da pesquisa qualitativa que situamos a investigação, ancorada nas vozes das crianças que participaram da pesquisa. Nos subtópicos seguintes, destacam-se os resultados das análises sobre os modos como as crianças colaboradoras percebem e analisam suas relações com as aprendizagens escolares, sob o impacto de múltiplas vulnerabilidades, agudizadas pela pandemia da covid-19. As conclusões centram-se nos impactos e desequilíbrios provocados pelo contexto sócio-histórico e suas consequências no que concerne às situações de vulnerabilidades mencionadas, focalizando a capacidade reflexiva das crianças, ao concebê-las como principais agentes interessados na vida escolar, muitas vezes negligenciados.

Em síntese, se a impossibilidade de acesso à internet de qualidade impossibilitava o devido acesso das crianças aos conteúdos escolares, exigidos por sua escolaridade, elas tematizam as mais diversas vulnerabilidades: ausências, perdas e distanciamentos que agravavam fragilidades de ordem social, emocional, cognitiva e o bem-estar. Os resultados alcançados favorecem a legitimidade da palavra da criança, tanto para a pesquisa educacional quanto para propostas e implementação de políticas públicas voltadas para a infância.



Contexto pandêmico e lócus da pesquisa

A partir de 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu o estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (OPAS, 2020), devido à pandemia de covid-19. O governo federal promulgou a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, e a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, com orientações de substituição das aulas presenciais por aulas remotas síncronas e a não obrigatoriedade dos 200 dias letivos (Brasil, 2020a, 2020b).

Face ao cenário pandêmico, as instituições educacionais em todo o território brasileiro desenvolveram formas alternativas para a manutenção do vínculo entre escola/família/criança. Entre as alternativas encontradas, emergiram outras formas de comunicação por meio do uso de novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) possibilitadas pela internet. O ensino remoto emergencial, com aulas síncronas virtuais, por meio de plataformas como Google Meet, Zoom e outras, a criação de grupos de mensagens instantâneas pelo Whatsapp e Telegram, a entrega de atividades impressas às famílias das crianças, cujo contato era inviável através de tecnologias virtuais, foram medidas tomadas naquela situação de urgência.

A aplicabilidade do ensino remoto exigiu que as práticas pedagógicas, a didática, as relações de ensino e de aprendizagem fossem reconfiguradas e reorganizadas para atender às demandas impostas pela pandemia. O ensino remoto emergencial fez emergir simultaneamente outros modos de ser docente e de exercer a docência em todos os níveis de ensino, da Educação Infantil à pós-graduação. Conforme mencionamos anteriormente, as desigualdades sociais no Brasil, tornaram-se ainda mais evidentes e a conjuntura teve impacto direto nas condições de aprendizagem durante a pandemia, cujas repercussões foram narradas pelas crianças.

Uma escola de excelência

A pesquisa teve como lócus de investigação uma escola pública do município de Sobral, no Estado do Ceará, selecionada pelos avanços por ela obtidos na alfabetização e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O município de Sobral, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC), obteve em 2019, ou seja, um ano antes da crise da covid-19, o índice de 8,4 no conjunto de suas escolas no 5º ano do Ensino Fundamental. Em 2021, em pleno cenário de pandemia, o município atingiu o índice 8,0, considerado o melhor resultado entre os municípios do Brasil com mais de 50 mil habitantes. Nesse mesmo ano, 88%



dos estudantes do 5º ano da rede municipal apresentaram aprendizado adequado em língua portuguesa e 82%, em matemática. Em termos comparativos, o percentual nacional foi de 49% e de 35%, respectivamente (QEDU, 2022)³. Para se perceber os prejuízos causados pela pandemia, observa-se que os índices de alfabetização, em 2019, no Brasil, foram de 60,3% para estudantes do 2º ano, que, em 2021, esse percentual baixou para 43,6% (INEP, 2019, 2021) e em 2023, o Ideb de Sobral para os anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública foi de 9,3 (INEP, 2023).

A experiência exitosa do município de Sobral, iniciada entre 1997 e 2000, inspirou a criação, em 2007, do Programa Aprendizagem na Idade Certa (Paic Integral⁴) pelo governo do Estado do Ceará, como uma política pública que se tornou referência nacional e internacional na realização de ações para garantir a universalização do direito ao acesso à alfabetização e à aprendizagem na idade certa (Sumiya, 2019; Cruz; Farah; Ribeiro, 2020; Mamede et al., 2022), o que constitui uma garantia para a permanência da criança no seu percurso escolar. É nesse contexto que este artigo se insere ao discutir os desafios educacionais, provocados pela pandemia da covid-19.

A pesquisa com narrativas de crianças

Quando um adulto fala, a criança se cala!

Provérbio popular

Expressões como as dessa epígrafe revelam marcas sociais e históricas que negavam às crianças o direito de falar. Ausência que, derivando do poder do adulto, sustentava a concepção da infância como tempo da 'não-fala', do 'vir-a-ser', da idade da 'não-razão' e, portanto, do silenciamento. O interesse pelos estudos sobre a criança e, mais recentemente, com a criança, é tributário em grande parte da legislação internacional, como a Declaração Universal dos Direitos da Criança (ONU, 1959) e a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989). E, em âmbito nacional: da Constituição Federal (1988); do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990); e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/1996). Aparatos legais que descortinam um universo desconhecido para pesquisas e ações nas áreas das Ciências Sociais e

³ QEDU é um portal de dados educacionais e apresenta diversos indicadores da educação brasileira, que podem ser consultados por esferas de governo (País, estados, municípios) e escolas.

⁴ Conforme Lei Complementar 297, de 19.12.2022, o Programa Aprendizagem na Idade Certa - Mais Paic, passa a ser denominado Paic Integral, objetivando a universalização do ensino fundamental em tempo integral na rede pública de ensino dos municípios do Ceará.



Humanas, da Sociologia do Direito e notadamente nas diversas áreas da Educação voltada para a infância.

Conforme Furlanetto, Passeggi e Biasoli (2020), são recentes as investigações científicas que garantam a centralidade da criança, em sua singularidade e inteireza, e a escuta da palavra da criança, compreendendo como legítima sua forma de ver e de representar o mundo. As pesquisas realizadas com base na Historiografia da Infância, como as de Ariès (1979); na Sociologia da Infância, como as de Sarmiento (2005) e Corsaro (2015), por exemplo, e as da Filosofia da Infância, proposta por Khoan (2015), trouxeram insumos importantes para a pesquisa (auto)biográfica com crianças, conforme defendem Passeggi et al. (2014); Passeggi et al. (2017); Lani-Bayle e Passeggi (2014); Lani-Bayle (2020); Passeggi, Furlanetto e Biasoli (2022); e Furlanetto e Passeggi (2023).

A pesquisa (auto)biográfica em educação tem como foco narrativas da experiência vivida pelo humano – adultos, jovens e crianças – e as considera sob dois ângulos: como fonte de pesquisa qualitativa e como dispositivo de formação, conforme sinalizam Pineau e Legrand (2012); Delory-Momberger (2012, 2014, 2024); Josso (2010); Passeggi e Souza (2017); e Passeggi (2020).

Defendemos com Delory-Momberger (2014), que essa jovem vertente da pesquisa qualitativa em educação não se limita ao estudo de gêneros discursivos: biografias, autobiografias, testemunhos, memórias, portfólios, diários, escrita de si. Seus objetivos maiores são, por um lado, a compreensão da natureza da narrativa da experiência vivida e, por outro lado, os processos relativos ao ato de narrar, que se enraízam numa atitude humana fundamental: configurar, narrativamente, a sucessão dos acontecimentos na linha temporal de seu percurso, seja ao longo da história de sua vida, seja a da brevidade de um momento vivido. Em síntese, se interessa pelo modo como as pessoas dão sentido às suas experiências.

Estima-se que a filosofia hermenêutica possibilita, a quem pesquisa, a compreensão sócio-histórica dessas narrativas, que são construídas nas relações espaço-temporal da pessoa que narra, por meio de diversas linguagens, notadamente a língua oral e escrita, como elemento mediador da constituição de si no mundo da vida, e do próprio mundo da vida. Nessa ótica, o ser humano é concebido como agente criador de histórias singulares, e é por elas criado, enquanto partícipe da história universal e, por essa razão, capaz de agir e transformar o contexto em que vive a age como sujeito. Decorre daí, a importância do ato de narrar o vivido e o por viver.

A pesquisa (auto)biográfica com crianças se situa nesse movimento de expansão de um paradigma narrativo (auto)biográfico em educação (Passeggi, 2020), cujos pressupostos teóricos, metodológicos e éticos, em pesquisa, valorizam sua palavra como fonte legítima para a aproximação de fenômenos



sociais investigados. Essa valorização permite, ainda, o acesso ao modo de construção interpretativa de tais fenômenos como fonte de reflexão sobre o universo da infância, sem a qual os resultados partem de conjecturas e não da empiria. O ato de narrar a experiência vivida é intencional e enseja reflexão, avaliação, escolhas, desvelando os modos como as crianças tematizam, interpretam paisagens do mundo interior e do mundo exterior. Dito de outra forma, a narrativa da experiência vivida é ao mesmo tempo o produto de uma ação mental metarreflexiva e um processo reflexivo-interpretativo gerador da consciência histórica de si.

As análises construídas com base nas reflexões tecidas pelas narrativas de crianças permitiram observar que elas recorrem a expressões curtas, porém não superficiais. As ideias são potentes, densas e válidas para sinalizar como dão sentido às suas vivências. Essas micronarrativas, ou narrativas mínimas, conclamam um outro olhar para a abordagem interpretativa. Em primeiro lugar, se fez necessário ultrapassar a compreensão da narrativa em sua estrutura clássica: situação inicial, problema, resolução, desfecho, coda. Para o entendimento da reflexividade narrativa da criança, em sua dimensão plena, dois caminhos foram se perfilando. O primeiro caminho se situa do ponto de vista teórico – que nos levou aos estudos de narratologia, conforme já apresentado em Furlanetto, Passeggi, Biasoli (2020) e em Breton e Passeggi (2022) – para conceber a noção de narrativas mínimas ou de micronarrativas, assim definida por Gerald Prince (2012, p. 3):

A locução 'narrativa mínima' pode evocar não uma entidade (a 'menor' narrativa do mundo), mas uma qualidade, um adjetivo, em vez de um substantivo, um conjunto de propriedades essenciais, traços necessários e suficientes, condições mínimas para que um objeto seja narrativo, para que uma entidade seja narrativa (Prince, 2012, p. 3, tradução nossa).

Por outro lado, nos apoiamos na opção de Genette (1972) para a definição de narrativas mínimas. Para o autor, frases como: “Eu ando”, “Pedro veio”, são formas mínimas de narrativas. Por essa razão, o autor faz deliberadamente a opção por uma definição ampla. Para Genette (1972), existe narrativa a partir do momento em que há uma transformação, uma passagem de um estado anterior para um estado posterior resultante. Para os nossos propósitos, mantemos, no caso das frases acima, a ideia de síntese de acontecimentos narrados (o fato de andar, a visita de Pedro) como indicadores de narrativas mínimas.

Do ponto de vista da constituição das fontes para as análises de rodas de conversa, utilizadas como metodologia, observamos que as micronarrativas das crianças se interpenetram, se complementam na conversa, levando à composição de narrativas coletivas, tecidas pela composição de múltiplas vozes,



nesse movimento dialógico, circular, não-linear e complexo de biografização e heterobiografização, como veremos mais adiante. Passamos a denominá-las de narrativas polifônicas ou coletivas (Passeggi et al. 2018), por reunir as múltiplas vozes das crianças participantes dos grupos.

Observamos que os pequenos fragmentos de suas falas iam se encadeando no fio da conversa e terminavam por constituir sequências narrativas, construídas coletivamente. A fala de uma criança ia complementando o que dizia a outra. Tínhamos então um ganho teórico-metodológico, que nos permitiu considerar essas sequências como narrativas coletivas, polifônicas, harmonicamente constituídas pelas múltiplas vozes de quem delas participavam (Passeggi; Nascimento; Rodrigues, 2018, p. 102).

Desse modo, na constituição do corpus para a análise, reunimos fragmentos em sequências temáticas. O procedimento consistiu em retirar os nomes fictícios de cada criança para compor uma narrativa do grupo.

Mudamos durante a pandemia. Mudamos a forma de ser, foi ruim. Mas também teve gente que mudou para bom. Teve gente que era mais atrapalhada com os estudos e também não saía de casa porque não era muito simpática com as pessoas. Mas depois da pandemia mudou. Nós começamos a ter mais amigos e amigas. Conhecemos várias pessoas e isso mudou o jeito da gente ser. Uma das grandes dificuldades foi perder parente, teve pai nesse tempo que virou órfão, houve perda de irmão e de avós. (Grupo 2)

Esse ganho metodológico baseado na opção por uma narrativa coletiva permitiu compreender os sentidos que o grupo atribuía conjuntamente a suas experiências. Essa profusão de vozes alinha-se ao que afirma Franco Ferrarotti (2010, p.53): “A pessoa vive e conhece mais ou menos claramente a sua condição, através dos grupos a que pertence”, a família, a vizinhança, o ambiente de trabalho, os pares, a classe social, a caserna... Por essa razão, Ferrarotti (2010, p. 51) insiste que as pessoas nunca são indivíduos isolados, mas um ser “universal singular”.

Rodas de conversa com as crianças e um “extraterrestre” sobre a pandemia

Utilizamos como procedimento metodológico, para dialogar com as crianças, rodas de conversa, por representar o desejo de respeitar o direito de cada uma de entrar e sair da roda quando desejasse e de se manifestar mais



livremente no grupo, algo que uma entrevista individual não possibilitaria, cerceando eventualmente essa liberdade.

O protocolo utilizado tinha o intuito de contemplar os quatro eixos estruturadores das culturas da infância propostos por Sarmiento (2003, p.13 e seg.): a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração. O protocolo se baseia nas brincadeiras do “faz de contas”. As crianças eram convidadas a imaginar a visita de que um pequeno extraterrestre, chamado Alien⁵, que desejava saber o que elas pensavam sobre a pandemia da covid-19. Como em seu planeta não se tinha vivido os problemas provocados pela pandemia, era importante conhecê-los para tomar medidas de prevenção nas escolas. Por essa razão, era tão importante ouvir o que elas tinham a dizer sobre suas próprias experiências.

Participaram desses diálogos 24 crianças (meninos e meninas), entre 10 e 12 anos de idade, que cursavam o 5º ano do Ensino Fundamental, compreendendo cerca de 20% dos alunos no total de 121 crianças. Todas as crianças foram convidadas pela pesquisadora, em suas salas de aula. O critério de escolha ficou a cargo das próprias crianças, que expressaram seu interesse em participar, ou não, da pesquisa. As rodas de conversa foram organizadas em cinco grupos (Grupo 1; Grupo 2; Grupo 3; Grupo 4; Grupo 5) com 4 crianças.

Em seus esforços de reflexividade narrativa, as crianças contam suas experiências de vida e de formação na escola e fora da escola, revelando que a pandemia deixou marcas no modo de ser e de viver a infância no espaço escolar e não-escolar.

O que dizem as crianças sobre o contexto pandêmico

No tocante às experiências vividas durante a pandemia, as narrativas revelam memórias de perdas, medo, tristeza, isolamento e mudanças. As narrativas interrogam o distanciamento social, admitindo que ele suscitou alterações socioemocionais – tristeza, medo, isolamento – e nesse contexto a escola e a família são apresentados como instâncias sociais, cujo distanciamento provocou impacto, conforme é possível perceber nos excertos de narrativas dos grupos 1, 2 e 3. É possível perceber que algumas narrativas se completam e outras divergem, num movimento dialógico de respeito, como identificado no grupo 2, quando as crianças afirmam que algumas mudanças foram positivas e outras foram negativas.

Houve falta de amor, falta de saúde, falta de inteligência de tudo isso e

⁵ Protocolo aprovado pelo Comitê de ética (n. 462119/2014-9), cf. Lani-Bayle, 2020; Lani-Bayle e Passeggi, 2014; Furlanetto, Passeggi e Biasoli, 2020).



também de alegria, porque a gente não conseguia viver direito o que tinha na época da covid-19, ficamos muito tristes. Não podíamos sair de casa, todo mundo..., era morrendo, inclusive perdemos pessoas da família e com isso ficamos abalados e tristes. Perdemos a inteligência e a alegria. (Grupo 3)

A impossibilidade de frequentar fisicamente a escola é apontada como fator de sofrimento, como mencionado pelo grupo 5; e as lembranças dos modos de ser e estar cotidianamente na escola é desencadeador de prazer, conforme é possível ver na narrativa do grupo 4.

Tudo mudou. Queríamos sair de casa. Aprendemos a ficar presos. Também não tinha mais como frequentar a escola, o prazer dos professores. Era triste. Era triste, gente. (Grupo 4)

Então mudou tudo. De repente a gente não podia ir para o colégio. Isso é meio chato. Tivemos que usar máscara. A gente teve que literalmente se adaptar a uma nova rotina. Ficamos isolados em casa. Encontros somente pela internet, sem poder se encontrar com os familiares. (Grupo 5)

É possível perceber que essas narrativas da experiência vivida durante a pandemia tecem um enredo, concomitantemente, singular e plural. Ou seja, ao autobiografar e heterobiografar, as crianças expressam experiências particulares, íntimas, que se entrelaçam aos sentidos construídos por outras crianças em situações similares no cenário pandêmico.

A ausência da escola em suas vidas e a falta de aulas e recreios, de forma presencial, causaram repercussões na aprendizagem. A escola, a família e os(as) amigos(as) são apontados como mediadores sociais significativos e suas ausências impactaram na socialização e nas aprendizagens. As relações com o outro (professores(as), amigos(as), família) são reconhecidamente para as crianças um elemento importante na construção de sua subjetividade como ser social, no seu desenvolvimento biopsicossocial, o que repercute sobre aprendizagens relacionadas ao corpo, à cognição, à afetividade, à emoção. Dado o período de distanciamento físico, vivenciado na pandemia, as crianças explicitam o que consideram que mais lhes fez falta, conforme os excertos das narrativas a seguir:

Sentimos falta da escola para nos ajudar na hora em que sentimos medo. Sentimos medo de perder gente da família, sentimos medo de pegar corona, ficar no isolamento. Quem nos ajudou foi a nossa família. (Grupo 1. Grifos nossos)



Sentimos falta dos amigos, das brincadeiras, da escola e da rua, a gente não podia sair. (Grupo 2. Grifos nossos)

Sentimos falta de ver os amigos. Ficou muito mais dúvidas para a gente, porque não era presencial, e agora que é presencial é 'muito mais, melhor'. Quando a gente estudava presencial com os professores e amigos era mais legal, podia ficar na aula, no parque e no recreio, que é a parte que a gente conversa descansa um pouco, merenda. (Grupo 3. Grifos nossos)

Sentimos falta da escola e de diversas aprendizagens e dos amigos de fora da escola, de professores, de sair. Porque na escola também é um meio de ajudar a gente a aprender. (Grupo 4. Grifos nossos)

Sentíamos falta de presença. Nos sentimos estranhos, mal, tristes [...] de não poder entrar no colégio. Sentíamos falta dos familiares [...] que é do tipo de gente que a gente gosta. (Grupo 5. Grifos nossos)

As memórias expressas nas narrativas desvelam os sentidos atribuídos a um período atípico na sociedade atual. Ao narrar, as crianças trazem à tona uma narrativa carregada de sentimentos e, nas rodas de conversa, nos processos de heterobiografização e autobiografização, ressignificam a experiência vivida. As crianças se dão conta de como vivenciaram transformações em sua rotina. Com isso, os efeitos negativos e positivos de tais mudanças para suas vidas ressaltam, sobremaneira, alterações socioemocionais e cognitivas que foram claramente apontadas por elas como dimensões do desenvolvimento, relacionadas à interação social com o outro.

Aprendizagens e redes de apoio

Com vistas à manutenção dos vínculos entre família/criança/escola e a garantia da aprendizagem, sob condições adversas e extenuantes, gestores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), professores(as) e outros profissionais da Educação Básica foram aprendendo um outro fazer pedagógico, intencionalmente planejado. Sobre isso, as narrativas das crianças trazem referência ao período de ensino remoto, permeado por transformações pedagógicas, uso de recursos tecnológicos, desigualdade educacional, exclusão e dificuldades de aprendizagem.

As crianças ressaltam, como é possível identificar nos excertos de suas narrativas, que as condições socioeconômicas têm relação direta com a aprendizagem. tendo em vista que o sistema capitalista gera uma organização social com diferentes condições econômicas. Por essa razão, nos opomos ao



princípio da meritocracia e nos aproximamos do conceito de equidade como princípio de justiça social na escola.

Ribeiro (2012; 2013; 2014), cujo aporte epistemológico se funda em François Dubet (2009); Rawls (2003); e Marcel Crahay (2013), se contrapõe à meritocracia como princípio de justiça compatível com a garantia da educação como direito obrigatório na escola da Educação Básica e afirma a equidade enquanto meio para ampliar a igualdade. A pandemia de covid-19 descortinou as desigualdades e conclamou o estabelecimento de ações políticas e práticas pedagógicas que atuem de modo a favorecer a aprendizagem de todos a partir de um currículo com objetivos claros e a definição de habilidades e competências que os estudantes devem dominar na Educação Básica.

Nessa perspectiva, a equidade, como princípio de aprendizagem na escola pública, traz embutido o critério de “igualdade de base” e a impossibilidade de a escola gerar resultados iguais para todos ao longo da vida, dada a complexidade das diferenças estruturais da sociedade. Igualdade de base é um raciocínio à luz de Rawls (2003), segundo Dubet, que propõe que haja um nível de distribuição de recursos que garanta “as condições para que todos participem como iguais na sociedade” (Ribeiro, 2013, p. 66).

Dadas as condições hostis de desigualdade social que caracterizam alguns contextos de vida de crianças da escola pública, é possível evidenciar, a partir de suas narrativas, que o ensino remoto, desenvolvido de forma emergencial na pandemia, oportunizou a manutenção dos vínculos entre escola, criança e família. Porém, no que diz respeito à garantia da aprendizagem, as narrativas revelam que sob condições socioeconômicas determinantes, em alguns casos, o contato diário não foi possível, tendo em vista a impossibilidade de acessibilidade a equipamentos tecnológicos, como computadores, tablets, smartphones e internet.

O ensino remoto ocorreu sob condições extenuantes e desiguais. A falta de concentração e motivação foi fator considerável para o acúmulo de problemas na compreensão dos conteúdos trabalhados nas aulas on-line. A mediação pedagógica virtual gerou distanciamento entre crianças e docentes e provocou dificuldades de aprendizagem. Diante desse cenário, a família é citada como elemento sine qua non nos processos de apoio, de ajuda, conforme é possível perceber a partir dos excertos de narrativas dos grupos de crianças participantes da pesquisa.

Tivemos aula pelo celular ou pelo computador em um aplicativo. Alguns estudaram durante a pandemia e outros não. Na época da aula, alguns faziam reforço. A gente não participava das aulas porque não sabia de nada. Era no celular, aí não conseguia me concentrar. Naquele ano nem todo mundo participou. Quem não participou deixou de aprender. Quem



não participava fazia atividade, prova pelo celular. Nas aulas on-line, a gente até aprendia alguma coisa. Quem nos ajudou foi a família. Aprendemos sobre ábaco, divisão, multiplicação. (Grupo 1)

Era muito ruim. Porque a gente, no presencial, aprendia mais. É como se na aula on-line tivesse faltando alguma coisa para a gente aprender e alguma coisa para a gente melhorar nos estudos [...] Às vezes a internet caía bem na hora que o professor estava explicando uma coisa importante. Eu tinha muita dificuldade com a internet porque parava numa parte importante que eu tinha dúvida. Aí a internet caía, eu tinha que sair e entrar de novo e aí já estava em outro assunto, entende? A pandemia prejudicou a aprendizagem. Quem ajudou a gente foram os pais, as mães. (Grupo 2)

As maiores dificuldades foram com os equipamentos. Outra dificuldade era que já tinha o WhatsApp nessa época, aí os amigos ficam toda hora ligando e a gente sem saber usar, daí deixava no silencioso para eles não ficarem ligando toda hora. Também teve dificuldade na parte financeira e dificuldade na aprendizagem, dificuldade de compreender, porque não estava no presencial. (Grupo 3)

No período da pandemia foi difícil porque a internet caía, tinha que ficar no computador, no celular. Nem todas as crianças conseguiam participar das aulas on-line porque não tinham celular, não tinham internet, não tinham dinheiro para comprar. Tivemos dificuldades. A pandemia impactou na aprendizagem. Ficaram dúvidas. (Grupo 4)

Muito embora seja compreensível que, no contexto pandêmico, o sistema educacional tenha precisado se organizar para atender as crianças em uma situação de crise emergencial na saúde, é possível evidenciar nas narrativas mediadas pela presença do Alien, o extraterrestre, a necessidade de aprendizagens mediadas de forma presencial. Com isso, constata-se que relações sociais-físicas, presenciais, são elementos fundamentais do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças."

A escola é defendida, nas narrativas das crianças, como espaço para a convivência social e para as aprendizagens. Nesse sentido, as narrativas ressaltam a importância da escola em suas múltiplas dimensões, considerando desde os conteúdos conceituais e atitudinais até o papel de docentes na mediação e na construção do conhecimento.

Foi difícil porque a gente estava acostumado a ter contato com os professores, resolver atividades com eles, aí foi difícil aprender sem estar lá perto, com atividades novas, com ele explicando direitinho. A gente não



sentia vontade de fazer. Não tinha motivação. Na aula on-line dava sono. Além disso, tinha muito barulho, muita gente falando e não dava para o professor explicar direito. Está fazendo atividade com eles e é difícil aprender sem estar lá por perto, fazendo atividades de novo, explicando direitinho, mesmo que tivesse também para a gente, não sentia vontade de fazer. Faltava motivação. (Grupo 5)

A qualidade da relação entre o(a) professor(a) e as crianças é apontada como fator importante para a aprendizagem, conforme apresentado pelo grupo 5. Dito de outro modo, trata-se do fortalecimento dos vínculos numa relação afetuosa, imbricada por acolhimento e generosidade, no processo de ensino e de aprendizagem. Essas relações contribuem para que as crianças se sintam em confiança para expor dúvidas, fazer questionamentos e construir o conhecimento de forma significativa.

Considerações provisórias

O rompimento com visões verticalizadoras das crianças, que as invisibilizam como sujeito de direitos, no âmbito da produção científica nas Ciências Humanas é recente e necessário. Procuramos defender aqui que a pesquisa com crianças possibilita, entre outras questões, sua efetiva participação para o aprofundamento de estudos sobre fenômenos sociais dos quais elas são ao mesmo tempo vítimas e agentes. Nesse sentido, a produção científica e as discussões sobre políticas públicas educacionais, destinadas a meninos e meninas das escolas públicas brasileiras, ganham em profundidade ética e política, ao considerarem o que têm a dizer sobre assuntos de seu máximo interesse. Direito que lhes é negado, sem amparo das leis.

Sem o intento de polemizar, as interrogações que emergem dos resultados da pesquisa que valoriza as vozes de crianças permitem aprofundar a investigação acerca dos impactos da pandemia sobre seus modos de ser e de vivenciar a infância num cenário pandêmico. A ausência da escola e, por conseguinte, conseqüentes de professores(as) e amigos(as), assim como o distanciamento da família, foram apontados como os principais elementos que provocaram tristeza, enquanto uma vulnerabilidade emocional. Suas narrativas revelam ainda que, durante o período de pandemia, as crianças para além de sofrerem alterações socioemocionais, estados de tristeza, sentimento de isolamento, são capazes de avaliar o que foi positivo. Quanto às aprendizagens durante o período de pandemia, elas reconhecem o esforço da escola na manutenção dos vínculos escola/criança/família, o que constitui um fator a ser levado em conta no seu processo de desenvolvimento e estabelecimento de vínculos com a educação pública de qualidade.



Vimos que as crianças avaliam com justeza o ensino remoto como uma estratégia que não lhes garantiu as aprendizagens esperadas. Percebe-se que elas são sobretudo capazes de avaliar, do ponto de vista político e ético, as desigualdades sociais entre elas, ressaltando o que impossibilitava aos amigos e amigas o acesso às aulas pela ausência de equipamentos e de internet de qualidade. Atrelado a essa visão, as crianças salientam pormenores cotidianos do ensino remoto que se configuraram pela interação precária entre as crianças e seus/suas professores(as). Mostram-se contundentes seus sentimentos de frustração ao observarem que suas dúvidas não eram esclarecidas durante as aulas remotas, o que, para elas, gerou, por um lado, a desmotivação e desinteresse pelas aulas virtuais e, por outro lado, lhes permitiu avaliar o quanto era importante a presença da escola em suas vidas.

A lição que as crianças nos dizem ter aprendido, ao longo do ciclo pandêmico, e que elas nos ensinam é, pois, grandiosa: a importância da escola em suas vidas. Escola, 'lugar do ócio' na Grécia Antiga, é para as crianças colaboradoras da pesquisa, que experienciaram a vida na escola antes da pandemia, durante a pandemia e na fase pós-pandêmica⁶, esse lugar de vida, tempo e espaço de interação social intergeracional e intrageracional, lugar de múltiplas aprendizagens, que não lhes podem faltar na infância. As lacunas provocadas pela falta da escola nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e que elas apontam como essenciais em suas vidas, são um testemunho vivo da importância da escola como espaço-tempo-social para seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, social.

Uma última consideração a ser destacada recai sobre outra reflexão gerada a partir do olhar das crianças acerca da ausência da escola ao longo da pandemia conduz sobremaneira a uma outra reflexão: o que significa então a ausência de escolas de qualidade para tantas outras crianças brasileiras que têm negados seus direitos constitucionais à educação, ao lazer, à saúde os quais implicam decisivamente o direito de "ser mais" como insistia Paulo Freire? Face aos impactos da pandemia na aprendizagem sob a ótica das crianças, assim como os desafios para a garantia da aprendizagem, nada justifica a negligência à legitimidade de sua palavra, que conclama uma outra ética de escuta e de valorização do que elas têm a dizer, para se repensar a equidade social no contexto das escolas públicas no Brasil.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.



BRASIL. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial da União**. 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRASIL. Medida provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020a. **Diário Oficial da União**. 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRETON, Hervé.; PASSEGGI, Maria da Conceição. Entre épreuves et enquêtes: recherche narratives à partir des microrécits d'enfants. **Recherches Qualitatives**, Université du Québec, v. 40, p. 12-33, 2021.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRAHAY, Marcel. Como a escola pode ser mais justa e mais eficaz? **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 09-40, jun. 2013.

CRUZ, Maria do Carmo Meirelles Toledo; FARAH, Marta Ferreira Santos; RIBEIRO, Vanda Mendes. Estratégias de Gestão da Educação e equidade: o caso do Programa Aprendizagem na Idade certa (mais PAIC). **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1286-1311, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24i3.13904. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13904>. Acesso em: 6 nov. 2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Millon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **História de vida e pesquisa biográfica em educação**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, Carolina Kondratiuk. Natal, Edufrn, 2024.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo:



Cortez, 2008.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER; Matias. **O método biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FURLANETTO, Ecleide Cunico; PASSEGGI, Maria da Conceição; BIASOLI, Karina Alves. **Infâncias, crianças e narrativas da escola**. Curitiba: CRV, 2020.

FURLANETTO, Ecleide Cunico; PASSEGGI, Maria. Dialogar com crianças: O que aprendemos com elas? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023167, 2023.

GENETTE, Gerard. **Figures III**. Paris: Seuil, 1972.

GOMES, Sandra; SANTANA, Luciana; BRAGATTE, Marcelo; SILAME, Thiago. In: PALOTTI, Pedro; LICIO, Elaine Cristina; GOMES, Sandra; SEGATTO, Catarina Ianni; SILVA, André Luis Nogueira da. (org.). **E os Estados?** Federalismo, relações intergovernamentais e políticas públicas no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. p. 677-709.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). Pesquisas Estatísticas e Indicadores Educacionais. Ideb. Resultados. Municípios. **Ensino Fundamental Regular** – Anos Iniciais. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 8 nov. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 17, n., p. 216-226, jul-dez 2015.

LANI-BAYLE, Martine. Quando as crianças falam de sua escola e nos ensinam... **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 15, p. 954-969, set./dez. 2020.

LANI-BAYLE, Martine; PASSEGGI, Maria da Conceição. (Dir.). **Raconter l'école: à l'écoute de vécus scolaires en Europe et au Brésil**. Paris: L'Harmattan, 2014.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 262-280, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203> Acesso em: 07 nov. 2021.



MAMEDE, Maíra et al. Un cas extrême de réduction des inégalités scolaires au Ceará (Brésil). Stratégie et efficience de la politique mise en œuvre. **Cahiers de la recherche sur l'éducation et les savoirs**, n. 20, p. 119-147, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cres/5333>. Acesso em: 22 out. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, nº. 40, April-June, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/349/34958005007/34958005007.pdf> Acesso em: 12 de nov. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide; BIASOLI, Karina. Une approche clinique de la pandémie sous le regard de l'enfant. **Raisons éducatives**, v. 26, n. 1, p. 155-174, 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividad narrativa: "vida, experiencia vivida y ciencia"; **Márgenes** Revista de Educación de la Universidad de Málaga, v. 1, n. 3, p. 91-109, 2020. <https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.9504>

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Histórias de vida**. Trad. Maria da Conceição Passeggi; Carlos Braga. Natal: Edufrn, 2012.

PRINCE, Gerald. Récit minimal et narrativité. In: Sabrinelle Bedrane, François Revaz & Michel Viegnes (Éds), **Le récit minimal**: du minime au minimalisme. Littérature, arts, médias. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2012. Disponível em: <https://books.openedition.org/psn/190>. Acesso em: 5 nov. 2024

QEDU. **Portal**. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

RAWLS, John. **Justiça como equidade**: uma reformulação. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RIBEIRO, Vanda Mendes. Que princípio de justiça para a Educação Básica? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 1094-1109, out/dez. 2014.

RIBEIRO, Vanda Mendes. Justiça com equidade na escola, igualdade de base, currículo e



avaliação externa. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 63-78, jun. 2013.

RIBEIRO, Vanda Mendes. **Justiça na escola e regulação institucional em redes de ensino do estado de São Paulo**. 2012. 455 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ROCHA, Ruth. **Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha**. São Paulo: Salamandra, 2014.

SARMENTO, Manoel. Gerações e alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-368, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manoel. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª. modernidade. In: SARMENTO, Manoel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Org.). **Crianças e miúdos**. Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2003, p. 1-22.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia”. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, ago. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43180>. Acesso em: 20 maio 2023.

SUMIYA, Lilia Assuca. **Sobral e a garantia da aprendizagem de todas as crianças**. São Paulo: Fundação Tide Setúbal; Portal Idea, 2019. Disponível em: https://portalidea.org.br/wp-content/uploads/2022/11/lilia_sobral.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.

UNESCO. **Relatório de monitoramento global da educação - 2020** – América Latina e Caribe – Inclusão e educação: todos, sem exceção. Unesco, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375582>. Acesso em: 3 abr. 2024.

Agradecimentos:

As autoras agradecem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - processos n. 307203/2023-9 e 307063/2019-4-; da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) - processo 2021/08719-0; da Prefeitura Municipal de Sobral e das crianças que participaram da pesquisa.

Recebido em: 06/04/2024

Aceito em: 11/02/2025